



# EDGAR ALLAN POE



## O CORVO

Traduções

Fernando Pessoa e Machado de Assis

Organização, posfácios e tradução dos ensaios

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Títulos originais

The Raven, The Philosophy of Composition, The Rationale of Verse e The Poetic Principle

Capa

Alceu Chiesorin Nunes e kakofonia.com

Projeto gráfico

Alceu Chiesorin Nunes e Sarah Bonet

Ilustrações de capa e miolo

kakofonia.com

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Fernando Nuno

Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Poe, Edgar Allan

O corvo / Edgar Allan Poe ; traduções Fernando Pessoa e Machado de Assis ; organização, posfácios e tradução dos ensaios Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Títulos originais: The Raven, The Philosophy of Composition, The Rationale of Verse, The Poetic Principle.  
ISBN 978-85-359-3168-6

1. Ensaaios norte-americanos 2. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. O corvo – Crítica e interpretação 3. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. O corvo – Traduções – História e crítica 4. Poesia norte-americana  
I. Título.

18-19793

CDD-813.09

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana : História e crítica 813.09

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

# SUMÁRIO

## PARTE I: O CORVO

O corvo — Fernando Pessoa 11

O corvo — Machado de Assis 17

The Raven 25

Um raven e dois corvos — Paulo Henriques Britto 31

## PARTE II: ENSAIOS

A filosofia da composição 57

A razão do verso 75

O princípio poético 139

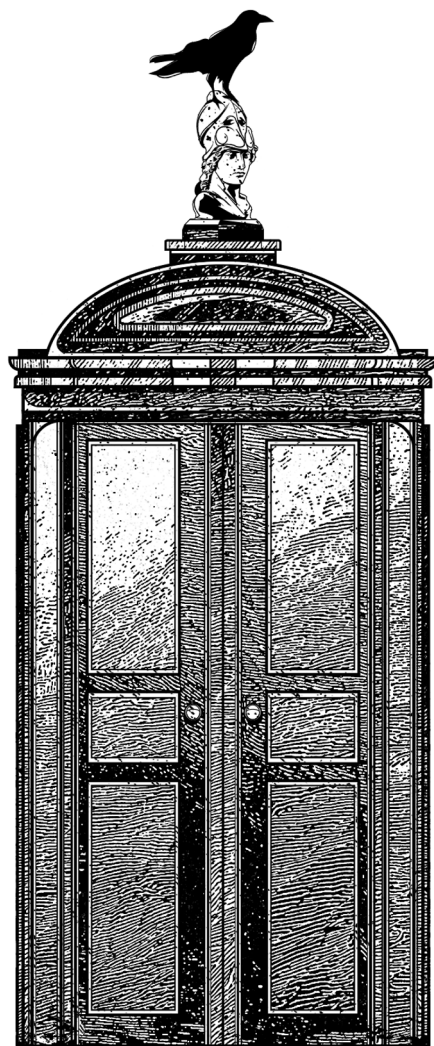
O ensaísta Poe — Paulo Henriques Britto 177





PARTE I

O CORVO



## O CORVO

Tradução de Fernando Pessoa

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais.”

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,  
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada  
P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais —  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,  
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo  
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!  
Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo,  
“É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.  
É só isto, e nada mais.”

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,  
“Senhor”, eu disse, “ou senhora, decerto me desculpais;  
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,  
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,  
Que mal ouvi...” E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.  
Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,  
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.  
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,  
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —  
Eu o disse, o nome *dela*, e o eco disse aos meus ais.  
Isto só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,  
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.  
“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.  
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.”  
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.  
“É o vento, e nada mais.”

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais.  
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,  
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,  
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,  
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura  
Com o solene decoro de seus ares rituais.  
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,  
Ó velho Corvo emigrado lá das trevas infernais!  
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.”  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.



Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,  
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.  
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido  
Que uma ave tenha tido pousada nos seus umbrais,  
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,  
Com o nome “Nunca mais”.

Mas o Corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,  
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.  
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento  
Perdido, murmurei lento, “Amigo, sonhos — mortais  
Todos — todos já se foram. Amanhã também te vais”.  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
“Por certo”, disse eu, “são estas vozes usuais.  
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono  
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,  
E o bordão de desesp’rança de seu canto cheio de ais  
Era este “Nunca mais”.

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,  
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;  
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
Que qu’ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Com aquele “Nunca mais”.

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo  
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,  
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando  
No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais,  
Naquele veludo onde ela, entre as sombras desiguais,  
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso  
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.  
“Maldito!”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te  
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,  
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!”  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta! —  
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,  
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atraís  
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atraís!”  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta! —  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais,  
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!  
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”  
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

E o Corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda  
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,  
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.  
E a minh’alma dessa sombra, que no chão há mais e mais,  
Libertar-se-á... nunca mais!



## O CORVO

*Tradução de Machado de Assis*

Em certo dia, à hora, à hora  
Da meia-noite que apavora,  
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,  
Ao pé de muita lauda antiga,  
De uma velha doutrina, agora morta,  
Ia pensando, quando ouvi à porta  
Do meu quarto um soar devagarinho  
E disse estas palavras tais:  
“É alguém que me bate à porta de mansinho;  
Há de ser isso e nada mais”.

Ah! bem me lembro! bem me lembro!  
Era no glacial dezembro;  
Cada brasa do lar sobre o colchão refletia  
A sua última agonia.  
Eu, ansioso pelo sol, buscava  
Sacar daqueles livros que estudava  
Repouso (em vão!) à dor esmagadora  
Destas saudades imortais  
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,  
E que ninguém chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando  
Das cortinas ia acordando  
Dentro em meu coração um rumor não sabido